



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

Deu certo: um estudo das construções resultativas compostas pelo verbo “dar” e o adjetivo adverbializado “certo”

Daniela de Almeida Campos

Rio de Janeiro

2016

DANIELA DE ALMEIDA CAMPOS

Deu certo: um estudo das construções resultativas compostas pelo verbo *dar* e o adjetivo adverbializado *certo*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Espanhol.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karen Sampaio Braga Alonso.

RIO DE JANEIRO

2016

Campos, Daniela de Almeida.

Deu certo: um estudo das construções resultativas compostas pelo verbo *dar* e o adjetivo adverbializado *certo* / Daniela de Almeida Campos. – 2016. 20f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karen Sampaio Braga Alonso

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Espanhol) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes,
Faculdade de Letras. Bibliografia: f. 26

1. Construções relativas . 2. Construção *dar certo*. I. Campos/Daniela de Almeida. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2016) III. *Deu certo*: um estudo das construções resultativas compostas pelo verbo *dar* e o adietivo adverbializado *certo*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me sustentado até aqui.

Aos meus tão amados pais, por terem ensinado, ao longo desses 23 anos, os mais preciosos valores de honestidade, solidariedade, paciência (esse valor se aplica exclusivamente à minha mãe), perseverança e amor, que eu espero ter absorvido pelo menos um pouco. Vocês são a melhor parte de mim, e eu tenho muito orgulho dessa nossa aliança de cumplicidade, amizade, respeito, entre tantas outras coisas lindas que eu tenho vivenciado através desse amor infinito e incondicional.

Ao meu querido João Pedro Delgado, que sempre soube me dar tudo o que eu precisava, mesmo quando eu mesma não sabia. Por ter sido firme nos tempos de procrastinação e por ter sido amável nas horas de máximo stress.

Às maravilhosas amigas que eu fiz na Faculdade de Letras, no momento mais inesperado, e que acreditaram em mim quando eu não acreditei (quase sempre): Taís Fagundes e Melissa Brito. Obrigada por terem ouvido as minhas inúmeras queixas, por me encorajarem quando estava tudo dando errado, por estarem sempre dispostas a me ajudar em qualquer circunstância, por me fazerem rir sempre e até por me engordarem (pensando bem, por isso não).

Aos incríveis parceiros do “Churras da Turma” (que não é da turma), que alegraram as tardes das aulas de Prática de Ensino, os almoços do estágio obrigatório, as festas, entre outros eventos que me mostraram o lado mais divertido da faculdade.

À Thais de Lima, Aline Santos, Tamiris Victorino e Camila Souza por estarem comigo desde o início e por me ajudarem a sobreviver aos primeiros períodos. Isso foi fundamental pra que eu quisesse continuar e acabasse me encontrando nesse curso que eu sempre disse que não era pra mim.

À minha orientadora Karen Sampaio, que mostrou a Linguística de uma maneira tão simples, que me deixou encantada pela pesquisa. Obrigada por ser sempre tão amável e paciente comigo e com os meus atrasos.

A todos os professores que tive ao longo da vida e que inspiraram o meu gosto pela docência.

À Ana Paula Pimentel, que há 19 anos preenche a minha falta de irmãos de sangue, sendo a melhor irmã de coração que a vida poderia me dar.

A todos os amigos queridos, que fazem desse mundo um lugar melhor.

SUMÁRIO

1. Introdução -----	6
2. Metodologia, Objetivos e Hipótese-----	6-7
3. Pressupostos Teóricos -----	7-16
3.1 Linguística Funcional Centrada no Uso	7-9
3.2 Gramática de Construções -----	9-11
3.3 Categorização -----	12
3.4 Metáfora e Polissemia -----	12-13
3.5 Alterações sintáticas e semânticas no verbo DAR -----	13-14
3.6 Adjetivo Adverbializado -----	14-16
3.7 Analisabilidade e Composicionalidade -----	16
4. Análise de Dados -----	16-26
4.1 Análise de DAR CERTO -----	17-19
4.2 Panorama dos dados analisados em DAR CERTO-----	21
4.3 Análise de DAR X CERTO -----	21-26
5. Conclusão -----	26
6. Referências Bibliográficas -----	27

-

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva analisar as construções emergentes com o verbo *dar* e o adjetivo adverbializado *certo* em seus diversos usos, que incluem diferentes flexões verbais e diferentes combinações sintagmáticas que abarcam estruturas com a presença de elementos intervenientes, geralmente intensificadores, como MUITO, TÃO, SUPER, MAIS, TUDO, MESMO, TANTO, QUASE, NADA, entre outros. Tal análise será feita sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, que aborda conceitos como a metáfora, a polissemia e a gramática de construções. Esses conceitos são fundamentais, pois consideram que as expressões idiomáticas são elaboradas a partir de processos cognitivos que expandem os significados a partir de vocábulos existentes.

Com base nesses fatores, avaliaremos as alterações sintáticas e semânticas sofridas pelo verbo DAR ao integrar a expressão idiomática citada anteriormente. Entre elas, a redução da sua grade argumental e a mudança aspectual, na qual o verbo deixa de imprimir um sentido de “transferência de posse” para expressar a noção de consequência de um fato anterior (resultativa). Embora tenham ocorrido todas essas transformações, entende-se que a construção é de fácil entendimento para o falante, apesar da perda de sua *composicionalidade*. Além disso, serão analisados os tempos verbais, as desinências modo-temporais e o número das ocorrências encontradas no *corpus brasileiro*, do site *Linguateca*, a fim de avaliar quais são os usos mais *prototípicos* desse idiomatismo e se essa estrutura também é produtiva quando se introduz um elemento posposto ao verbo.

Outra proposta que se faz neste estudo é a verificação das características dos adjetivos adverbializados: sua origem e comportamento diante desse tipo de construção, que corroboram o fato de a expressão idiomática imprimir o aspecto *resultativo*.

2. METODOLOGIA, OBJETIVOS E HIPÓTESES

Para realizarmos a análise das variações sofridas pelo verbo DAR, discutidas anteriormente, estudaremos os dados escritos do *Corpus Brasileiro*, retirados da página *Linguateca*, da qual foram feitas duas buscas distintas no mesmo *corpus*: primeiramente, foi feita uma busca pela construção DAR CERTO e suas variações, como “dá certo”; “dão certo”; “dará certo”; “deu certo”; “dê certo”, entre outras.

Em seguida, foi feita uma busca que incluía elementos intervenientes, como: “deu super certo”; “vai dar muito certo”; “está dando tão certo”; “que dê tudo certo”, entre outros.

Nessas construções, serão analisados os intensificadores mais utilizados na modalidade escrita, observando os tempos verbais nos quais são mais produtivos. A partir desse estudo, objetiva-se concluir quais são os usos mais prototípicos da construção e o seu grau de produtividade.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

a. A Linguística Funcional Centrada no Uso

De acordo com CEZARIO e CUNHA (2013), a *Linguística Funcional Centrada no Uso*, consiste em uma linha de estudos que se originou a partir das pesquisas de teóricos como Givón, Hopper, Thompson, Chafe, Bybee, Traugott, entre outros (também a partir da contribuição de representantes da linguística cognitiva), que contribuíram imensamente para o desenvolvimento desta corrente que se originou nos Estados Unidos a partir da década de 1970.

Nesta orientação linguística, destaca-se como principal objeto de estudo a língua em seus mais variados contextos, levando em consideração os fatores que não são inerentes ao sistema linguístico, mas que influenciam diretamente o seu uso (fatores extralinguísticos). Assim, parte-se do princípio que o discurso e a gramática não podem ser analisados separadamente, pois são elementos que se correlacionam, exercendo uma ação entre si. Ou seja, entende-se que a gramática sofre constantes transformações em função dos fatores que envolvem a comunicação em suas mais variadas situações de uso (o discurso). Dentro dessa noção, configura-se o que CEZARIO e CUNHA (2013) caracterizam como padrão discursivo: uma forma comunicativa que se articula de uma maneira específica, a fim de transmitir uma determinada mensagem. Esse mecanismo envolve diretamente os conceitos de gênero discursivo e tipo de texto.

Essa corrente compartilha diversos conceitos abordados pelo cognitivismo, corrente linguística iniciada também na década de 1970, por pesquisadores como Lakoff, Langacker, Fauconnier, entre outros. Seu principal objeto de análise é a língua como consequência das habilidades cognitivas desenvolvidas pelo falante de acordo com sua experiência que é ampliada individualmente pelos contextos socioculturais e sociointeracionais. Essa visão concebe os mecanismos linguísticos como esquemas cognitivos em um esquema mental desenvolvido automaticamente, na proporção em que o uso da língua é assimilado pelo falante.

Baseando o uso da língua às experiências do falante, que são formuladas a partir do contexto social e cultural no qual está inserido, entre outros fatores, considera-se que a *Linguística Cognitiva* e a *Linguística Funcional* partilham do mesmo ponto de vista, no que concerne à análise paralela de conceitos como o léxico e a gramática; semântica e pragmática. Dessa forma, observa-se que o uso é influenciado pelo conhecimento de mundo, que pode provocar mudanças na linguagem, que conseqüentemente afetarão alguns componentes da gramática. Isso significa que as duas linhas de pesquisa observam todos os constituintes que compõem a língua como uma “teia” de conhecimentos que se entremeiam entre si.

Segundo CEZARIO e CUNHA (2013), o objetivo da *Linguística Funcional Centrada no uso* é investigar os fatos linguísticos, que são ocasionados pelas práticas dos falantes, e por isso são variáveis. A partir dessa prática, surgem construções que se cristalizam por meio do uso, e se *gramaticalizam* de acordo com sua frequência de emprego, configurando um novo padrão. Esse novo padrão, não só representa uma mudança lexical influenciada por elementos pragmáticos, como, em geral, rompe com as características morfológicas, fonológicas ou sintáticas estipuladas pela Gramática Tradicional. Para observar essas construções emergentes de forma fiel às suas origens, consideram-se apenas os dados orais e escritos reais. Por conseguinte, uma das vertentes de estudo que contribuem para essas pesquisas é a teoria da variação e mudança no que concerne à gramaticalização, entre outros. Também se destaca uma tendência ao avanço das pesquisas sobre o ensino de língua materna.

Nessa proposta, a gramática deixa de ser estudada a partir de componentes isolados para ser vista em sua totalidade, englobando todos os agentes que compõem e influenciam as mudanças nas estruturas da língua a partir da cognição. Ou seja, a gramática é encarada como um acessório da língua, que sofre diversas transformações devido aos usos variados que os usuários podem fazer em função do contexto em que estão inseridos. Esses usos variados refletem a forma como o indivíduo compreende o mundo.

Outro aspecto importante é o da *mudança linguística*, que vai se dar a partir de mecanismos que incorporam diversos fatores para o surgimento de novos arquétipos na língua. Entre esses fatores, podemos citar os *semântico-cognitivos* e os *discursivo-pragmáticos*, que influenciam os falantes para que formulem novas construções a partir de seu conhecimento de mundo. A partir de um certo grau de regularidade dessas construções, é possível estudá-las sincrônica ou diacronicamente.

Sob essa perspectiva, analisaremos as construções emergentes relacionadas a *DAR (X) CERTO*, que já se cristalizaram no português brasileiro devido à sua alta frequência de uso na língua. Faz-se adequado estudo de tais construções pelo olhar da *Linguística Funcional*

Centrada no Uso, pois a sua formação, a partir de um processo metafórico, permitiu que se perdessem algumas das características do verbo, prescritas pela Gramática Tradicional. Entre elas, podemos citar o aspecto verbal e a redução da grade argumental.

3.1 Gramática de construções

Desde a segunda metade do século XX, discute-se a questão da irrestrita capacidade humana de se expressar por meio da linguagem, denominada “problema de Descartes/Humboldt”. Isso significa que cada indivíduo é capaz de formular sentenças novas, nunca enunciadas por ele, que SALOMÃO (2002) destaca como: *a condição linguística do ineditismo*. Esse processo ocorre devido ao encadeamento do léxico e da sintaxe, que promove uma formação possível de sentenças dentro de uma determinada língua, motivada por diferentes vocábulos.

Sob essa perspectiva, considera-se que para uma abordagem apropriada, faz-se necessária a relevância de, no mínimo, três ordens de questões: as de ordem léxico-semântica; as de ordem sintático-semântica e as de ordem pragmático-semântica. Assim, é possível observar as estruturas criadas pelo uso de diferentes vocábulos e o que elas representam nos mais variados contextos nos quais estão inseridos os falantes/ouvintes de uma língua. Essa metodologia inclui também os processos de polissemia para a representação lexical.

De acordo com Salmão, todas as mudanças nas estruturas gramaticais são instigadas por “exceções lexicais”. Um importante fenômeno que provoca essas “irregularidades” é o idiomatismo, que XATARA (1998) define como: *Uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada pela tradição cultural*.

As expressões idiomáticas constituem unidades de base e se fundamentam pelo efeito criativo dos empregos metafóricos e metonímicos sobre os usuários em oposição ao sentido literal desgastado pela frequência de uso. Além disso, os idiomatismos ampliam as formas de expressão por meio de simbolismos, ampliando julgamentos sociais e o compartilhamento de diferentes sensações e emoções. Por estarem tão consolidadas às práticas linguísticas, as expressões idiomáticas são altamente utilizadas por indivíduos de diversas camadas sociais.

Os idiomatismos constituem unidades locucionais ou frasais complexas e de sintaxe fechada. Isso significa que não comportam a inserção de outros elementos, tampouco a substituição de itens por outros ou distintas categorias gramaticais.

No entanto, segundo XATARA (1998), podemos sistematizar as expressões idiomáticas a partir de quatro características comuns: o significado, a ordem de ocorrência dos

elementos, as relações de similaridade baseadas na seleção e as relações de contiguidade baseadas na combinação. Apesar disso, destaca-se que o seu significado é arbitrário devido a combinação léxica dos elementos. Ou seja, o vínculo entre o significado e o significante não é provocado naturalmente, além de a relação entre a expressão idiomática e os signos que a constituem não ser linguisticamente motivada.

Dessa maneira se estabelece o caráter conotativo das expressões idiomáticas, uma vez que carregam significados implícitos em suas estruturas. Esses significados podem ser inferidos de acordo com a inserção do falante/ouvinte naquele contexto cultural específico. Sendo assim, é possível afirmar que os idiomatismos possuem um nível de abstração que se constrói a partir da ‘transmissão de significados de um nível semântico a outro, sendo originados por uma motivação metafórica. Esse processo gera para cada unidade um “esvaziamento” do seu significado original, promovendo uma perda da sua função nominativa, formando uma nova unidade, na qual os elementos não podem ser analisados separadamente.

Além desses fatores, é importante ressaltar que uma das características que consolidam uma expressão idiomática é a sua frequência de uso pela comunidade de falantes. Essa frequência estabiliza o significado e legitima a expressão na língua, perpetuando-a por muitas gerações. Os idiomatismos são tão presentes na nossa comunicação que ignorá-los representaria uma perda de originalidade do discurso.

Um dos primeiros teóricos que observaram a importância do estudo das estruturas das expressões idiomáticas foi Lakoff, em *Linguistic Gestalts*, propondo que não se dissociasse o léxico da sintaxe. Esse pensamento foi precursor de uma grande mudança nos estudos dos próximos séculos, nos quais as expressões idiomáticas começariam a vistas como integrantes da gramática. *Um repertório de construções vinculadas radialmente por relações de herança.* (XATARA 1998).

Sendo assim, essa nova teoria propõe que o léxico e a gramática não sejam estudados separadamente, assim como não se pode deter o significado de uma construção a partir da sua fragmentação.

Podemos observar a construção *DAR (X) CERTO* sob três níveis diferentes: o nível *micro*, o nível *macro* e o *meso*, de acordo com o esquema a seguir:



A partir deste esquema, considera-se o nível *macro* como o mais abrangente, pois comporta incontáveis combinações de verbos com adjetivos adverbializados. Esse panorama se restringe a nível *meso*, quando um dos itens da construção se especifica, de forma que se viabiliza uma construção composta pelo verbo DAR e qualquer outro adjetivo adverbializado ou qualquer verbo e o adjetivo adverbializado DAR. Já a nível *micro*, que configura o nível estudado neste trabalho, todas as categorias se preenchem, de maneira que a construção formula uma combinação fechada, específica. Apesar dessa restrição, ainda se apresentam algumas possibilidades que também observaremos neste trabalho. Entre elas, a construção *DAR (X) CERTO*, composta por verbo, intensificador do discurso e adjetivo adverbializado.

3.2 Categorização

De acordo com Cuenca e Hilferty (1999), a categorização consiste em um processo mental de organização da informação obtida por meio de uma concepção da realidade. Esse mecanismo favorece a simplificação da infinidade de elementos que formam o real através do signo, agrupando-os em conjuntos de acordo com uma base comum. Dentro da categorização, destacam-se os protótipos, que seriam elementos padrões dentro de uma determinada concepção (a primeira imagem que se evoca ao se mencionar uma palavra). Esses arquétipos se dividem em diferentes níveis: Básico, no qual se encontra a maior quantidade de informação, exigindo um menor esforço cognitivo; Horizontal, onde se distribuem elementos de categorias distintas e vertical.

Dessa forma, é possível compreender as categorias como entidades difusas e compartimentos estanques, uma vez que os elementos não estão plenamente delimitados e perfeitamente definidos, podendo variar de acordo com os conhecimentos de cada indivíduo. Os *modelos cognitivos idealizados* são simplificações e compreensões esquemáticas da realidade percebida. Os protótipos e as fronteiras categoriais podem mudar um contexto

específico, de acordo com nosso conhecimento social e cultural que se organiza em modelos cognitivos, de natureza individual e psicológica, e culturais, de natureza social e coletiva.

Dentro desse conceito, é importante destacar a definição de *herança por família*, que define os elementos não se encaixam no conceito de protótipo, pois não apresentam todas as características requeridas pela classe, entretanto, mostram alguns ou muitos dos aspectos da categoria, sendo assim considerados “periféricos”.

3.3 Metáfora e Polissemia

Segundo CUENCA e HILFERTY (1999), a metáfora fundamenta-se como um processo cognitivo que constrói a nossa linguagem a partir do pensamento habitual. Ou seja, um procedimento para compreender e expressar situações complexas a partir de elementos linguísticos básicos e já conhecidos. Esse processo é constantemente utilizado de forma inconsciente, uma vez que já está muito integrado ao sistema conceitual dos indivíduos. São parte de um sistema coerente, que se constrói a partir de uma motivação.

Em geral, o significado das metáforas se explicam a partir da nossa experiência cotidiana. Esse processo é também observado na gramaticalização, já que é fundamental para compreendermos a abstração de itens. Este modelo de metáfora se opõe à definição de figura de linguagem, pois sua formação focaliza a construção gramatical. Isso ocorre devido a uma motivação pragmática. Ou seja, a fim de expressar as inúmeras possibilidades do pensamento através da língua, os indivíduos se articulam a partir de elementos pré-existentes.

Para compreender um novo arquétipo, a mente organiza processos cognitivos, com a finalidade de assimilar a metáfora a partir de seu conhecimento de mundo. Isso ocorre a partir de um “mapeamento” por parte do cérebro, que, em poucos segundos recorre a uma rede de sentidos e de combinações para chegar ao significado da expressão recém-ouvida. Esse recurso é imperceptível em *DAR (X) CERTO*, uma vez que a expressão já atingiu um nível de regularidade, e por isso já faz parte do léxico dos falantes.

Outro conceito que se complementa a noção de metáfora é a polissemia, que CUENCA e HILFERTY (1999) denominam como *categorias radiais* (Lakoff (1987) *apud* Cuenca e Hilferty (1999: 127)). Isso significa que cada vocábulo pode abranger inúmeros significados.

Essa definição se aplica aos exemplos estudados neste trabalho, uma vez que ao fazer parte de uma expressão idiomática, o verbo *DAR* constitui uma relação polissêmica, pois se atribui um novo sentido: a consequência de um fato anterior.

3.4 Alterações sintáticas e semânticas no verbo DAR

Como vimos anteriormente, os aspectos que compõem as estruturas da língua não funcionam de maneira isolada, de forma que cada oscilação em um ponto específico acarreta uma transformação em outros pontos. Isso significa que, não há câmbio semântico que não gere uma nova organização sintática. Partindo dessa premissa, estudaremos o verbo DAR na construção idiomática já cristalizada no Português Brasileiro, a exemplo de *DAR (X) CERTO*, cuja mudança léxica viabilizada pelo recurso da metáfora também afetará a sintaxe do verbo.

Sob a perspectiva da Gramática Tradicional, o verbo DAR é classificado como um verbo transitivo direto e indireto. Nessa concepção, é atribuído ao verbo um valor de “transferência” de posse de objeto de um indivíduo a outro, como na frase “Fernando deu cem reais à sua filha”, na qual percebemos claramente a noção de passagem da posse de um objeto (o dinheiro) de um sujeito (Fernando) para outro (sua filha). Além disso, é possível demarcar os objetos direto e indireto (“cem reais” e “sua filha”, respectivamente) e a preposição regente: “a”. Esse objeto direto seria semanticamente caracterizado como “tema”, enquanto o objeto indireto seria caracterizado como “alvo”. Também é possível visualizar a existência de três argumentos: o sujeito e os objetos. Assim, as condições de verdade das sentenças constituídas por esse verbo dependem exclusivamente do preenchimento de todos os argumentos requeridos.

Apesar disso, na frase “O negócio deu super certo”, não é possível deter as mesmas funções marcadas, tampouco o mesmo número de argumentos requeridos pelo verbo. Entre as múltiplas possibilidades de expressões que o verbo permite, constata-se que as construções passam a ser monoargumentais ou até sem argumento. Essa questão mostra a necessidade de um olhar mais aprofundado para os idiomatismos, que formam parte indissociável da nossa língua, a fim de explicar essas mudanças que trazem novos significados.

Além disso, de acordo com Oliveira et alii (2013: 152-153):

Não há muito consenso a respeito dos verbos leves na literatura: para alguns autores, os verbos leves apresentam uma semântica relativamente vazia, são simples portadores das marcas de tempo e concordância, enquanto para outros autores, os verbos leves formam um predicado complexo com o nome deverbal.

Isso significa que DAR não se estrutura em função do agente em uma frase na qual o verbo apresente a sua estrutura considerada padrão pela GT. Dessa forma, seria o nome deverbal o responsável pela seleção do argumento externo.

Em uma visão tradicionalista, essas expressões não seriam vistas como corretas, uma vez que não preenchem todos os argumentos do verbo assim como a norma recomenda. Contudo, qualquer falante de português brasileiro conseguiria compreender uma frase construída desse modo em diversos contextos. Além disso, percebemos que não somente essa característica sintática como também o sentido de “transferência” não se sustenta em *DAR (X) CERTO*, que passam a imprimir uma noção de consequência de um fato anterior, podendo assim ser classificadas como “resultativas”.

3.5 As construções resultativas no Português Brasileiro

Muito se discute acerca da existência de construções resultativas no português brasileiro. Tais construções, que já foram comprovadas em línguas germânicas, ainda não se consolidaram nas línguas românicas. Essa percepção é defendida, pois, segundo alguns autores, a construção requer o acompanhamento de um predicativo do objeto, enquanto no português constata-se a maior incidência do adjunto adverbial. De acordo com TRAVAGLIA (1994), as resultativas não podem ser consideradas como um aspecto do verbo. Apesar disso, LOBATO (2004) e FOLTRAN (1999) ressaltam em seus estudos essa possibilidade, embora reconheçam que sua organização é ainda muito limitada.

De acordo com essa perspectiva, estudaremos as expressões idiomáticas comentadas anteriormente, observando a possibilidade de as sentenças elaboradas a partir dessas metáforas configurarem uma construção resultativa, considerando que, semanticamente, o verbo DAR se esvaziou de seu sentido original que é a transferência de posse de um sujeito a outro. Embora a resultativa se justifique em *DAR (X) CERTO* com base em uma análise lexical, é preciso saber se também há respaldo sintático para essa classificação.

Sob o ponto de vista sintático, a construção resultativa consiste em uma mudança na estrutura de uma sentença transitiva, que pode ocorrer tanto em sentenças com verbos monoargumentais quanto com verbos que selecionam mais de um argumento, preferencialmente em acontecimentos que representam causalidade. Além disso, destacam-se outras limitações para a existência dessas construções em língua portuguesa: se formam exclusivamente a partir de verbos transitivos ou inacusativos, cuja semântica representa criação ou mudança de estado; em relação à sua classe aspectual, destaca-se a culminação; a

semântica do predicativo deve ser adjetivo de função, ação, etc. LOBATO (2004) afirma que é o léxico do adjetivo que pode restringir a composição de resultativas em língua portuguesa; a definição da preposição e configuração do adjetivo na função predicativa, que pode ser básica ou não.

Embora seja possível identificar todas as características listadas de maneira clara e pontual, faz-se complexa a classificação de um idiomatismo em qualquer categoria, uma vez que apresentam uma “sintaxe fechada”, de forma que não é possível estudar cada item separadamente, pois fazem parte de um “todo” e por isso só possuem significação quando estão juntos em uma mesma frase. Apesar disso, podemos concluir, por meio de uma análise semântica que as expressões “DAR CERTO”/ “DAR X CERTO” se encaixam no quadro aspectual descrito anteriormente.

3.6 Adjetivos adverbializados

A expressão em discussão neste trabalho constitui uma construção composta parcialmente por um adjetivo adverbializado. Isso significa que em “dar certo”, o item “certo” constitui um adjetivo que desempenha a função de advérbio. Sobre isso, é possível observar, em determinados contextos, adjetivos que funcionam como advérbios apenas com a adição do sufixo *-mente*. Derivando dessa concepção, os adjetivos adverbializados surgem em casos nos quais o adjetivo se mantém invariável, fazendo referência não ao substantivo, mas ao verbo.

O procedimento descrito não deve ser compreendido como um processo de formação de palavras, pois se caracteriza como um processo de gramaticalização. BARBOSA (2006) propõe algumas hipóteses sobre esse processo em relação aos adjetivos adverbializados: a tendência dos itens que cumprem com essa função seria aparecer imediatamente após o verbo, apresentando uma regularidade no lugar que ocupa (Hopper e Traugott, *apud* Barbosa 2006). Além disso, a tendência do verbo, diante de adjetivos adverbializados é de ser intransitivo. Também destaca-se o seu número restrito em relação à quantidade de verbos que surgem na construção.

3.7 Analisabilidade e Composicionalidade

Para compreendermos de forma aprofundada as construções das expressões idiomáticas na visão funcionalista, é preciso ter em mente dois conceitos: a *analisabilidade* e a *composicionalidade*, definidas por BYBEE (2010). A *analisabilidade* corresponde à

capacidade de o falante identificar o sentido da expressão pela assimilação de todos os elementos juntos em uma única construção. Já a *composicionalidade* representa a identificação de cada item de acordo com as suas características morfossintáticas vinculadas à semântica da expressão.

De acordo com isso, afirma-se que os usos de *DAR (X) CERTO* perderam a sua *composicionalidade*, mas mantiveram a *analísabilidade*. Isso significa que dentro da construção não é mais possível atribuir ao verbo o mesmo aspecto de transferência de posse, estabelecido pela Gramática Tradicional, além de ter a sua grade argumental alterada significativamente. Apesar disso, constata-se que qualquer falante, ao deparar-se com as expressões contextualizadas, em qualquer uma de suas possibilidades de flexão verbal, como em: “(...) Acabou dando tudo certo...”; “(...) A ideia deu tão certo...”; “(...) As coisas estão dando certo...”; “Se o livro der certo...”, não apresenta qualquer dificuldade em interpretá-las. Em função disso, é possível dizer que a *analísabilidade* da construção se mantém.

4 ANÁLISE DE DADOS

4.3 Análise da construção DAR CERTO

Em relação aos dados da construção DAR CERTO, destaca-se que foram encontradas 12.125 ocorrências, das quais foram selecionadas, aproximadamente 5.000 por critérios previamente definidos pela ferramenta de busca do *corpus*. Dentre estas ocorrências, apenas foram consideradas as expressões que, semanticamente, imprimem um valor resultativo, acompanhadas do adjetivo adverbializado CERTO. Além disso, constata-se que alguns exemplos se repetiram no *corpus*, sendo descartados em função disso. A partir disso, consideramos essas ocorrências, fracionadas em 15 tempos verbais, dentre os quais, 8 correspondem ao modo indicativo, enquanto 2 são do modo subjuntivo. Além disso, também revelou-se um grande número de dados distribuídos entre o gerúndio e o infinitivo. Essas observações se exemplificam por meio dados explicitados nas tabelas seguintes.

Presente do indicativo		
3ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	594	130

A partir dos dados analisados, nota-se que a construção discutida neste trabalho é muito recorrente na modalidade escrita do português brasileiro no Presente do Indicativo (“dá certo”), totalizando 724 dados, divididos em singular e plural. Ainda sobre o número,

constata-se que o singular é muito mais frequente, pois supera o plural com mais da metade das ocorrências.

Pretérito perfeito do indicativo		
1ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	3	1
3ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	1.543	213

A análise dos exemplos no pretérito perfeito do indicativo (“deu certo”) comprovou a hipótese defendida neste trabalho, uma vez que esse tempo verbal ocasionou o maior número de ocorrências analisadas entre todos os tempos verbais. Isso corrobora a noção de consequência de um fato anterior, exprimida pelas *resultativas*. Conclui-se, dessa forma, que este tempo verbal é o que mais se enquadra dentro do novo aspecto assumido pela expressão idiomática. Além disso, também constatou-se que o singular é muito mais produtivo que o plural e, embora tenham sido encontrados exemplos em primeira pessoa, esses números são muito pouco expressivos se comparados aos resultados em terceira pessoa.

Pretérito Imperfeito do Indicativo		
3ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	77	13

A mesma lógica defendida na análise dos dados no pretérito perfeito não se aplica para o pretérito imperfeito, já que o número de ocorrências, tanto no plural, quanto no singular, reduziu significativamente. Isso ocorre em função da perda do valor *resultativo*, uma vez que em “dava certo”, supõe-se a ideia de interrupção (uma ação que costumava ocorrer, mas que por algum motivo deixou de funcionar). Apesar disso, se manteve o padrão de produtividade dos dados anteriormente analisados: o singular é mais produtivo que o plural e não se encontram exemplos em outras desinências modo-temporais.

Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo		
3ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	10	-

O pretérito mais-que-perfeito (“dera certo”) é o tempo passado menos expressivo. Isso ocorre, principalmente pelo fato de esse tempo verbal ter caído em desuso na língua portuguesa. Apesar disso, o “padrão de produtividade” também se repete nos exemplos analisados, com destaque para o plural, sobre o qual não se encontram exemplos.

Futuro do Presente do indicativo		
3ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	72	11

Futuro do Presente do indicativo (Perífrase)		
3ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	297	11

Quanto ao futuro do presente, destaca-se um panorama mais representativo, no qual o verbo se dividiu em duas formas: “dará certo” e “vai dar certo”. A forma perifrástica é mais regular que a forma simples no singular. Já no plural, foi encontrado o mesmo número de exemplos. Além disso, outras desinências modo-temporais não foram encontradas neste modelo. É importante frisar que, embora este tempo verbal não seja tão prototípico quanto o pretérito perfeito do indicativo, a noção imprimida pelas construções *resultativas* ainda se mantém, pois mostra a mesma consequência de um fato anterior, projetada ao futuro.

Futuro do Pretérito do indicativo		
3ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	64	5

O futuro do pretérito do indicativo (“daria certo”) também não apresentou um número representativo de dados, embora se faça presente o padrão comentado anteriormente. Também certifica-se que esse tempo verbal também não constitui o mais prototípico, uma vez que demarca o sentido de uma ação que poderia acontecer, mas que por alguma razão não foi concluída, distanciando-se ainda mais do sentido de consequência de um fato anterior.

Presente do Subjuntivo		
3ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	261	20

O presente do subjuntivo (“dê certo”) consiste em uma exceção à hipótese de que quanto mais o aspecto imprimido pelo sentido do verbo na expressão se afastasse da noção considerada mais prototípica de *resultatividade*, menos ocorrências surgiriam. Neste caso, a expressão tem um sentido de “expectativa”; algo que se espera que ocorra e não uma consequência. Apesar disso, o número de exemplos não seja tão expressivo quanto no presente do indicativo ou no pretérito perfeito, ainda encontramos um número considerável de ocorrências no singular, em discrepância com o número ínfimo de modelos no plural.

Gerúndio		
	Singular	Plural
Ocorrências	252	-

Gerúndio (Perífrase ESTÁ DANDO CERTO)		
	Singular	Plural
Ocorrências	192	32

No Gerúndio, foram analisadas duas formas diferentes: a forma perifrástica, composta por ESTAR + GERÚNDIO, e a não-perifrástica, na qual o verbo está flexionado (“dando certo”). Esse tempo verbal também se mostrou bastante produtivo quando expressa a ideia de continuidade no presente. Isso corrobora a hipótese defendida anteriormente, uma vez que se aproxima mais do protótipo em relação aos tempos verbais anteriormente comentados.

Gerúndio (Perífrase ESTARIA DANDO CERTO)		
	Singular	Plural
Ocorrências	21	-

Gerúndio (Perífrase ESTAVA DANDO CERTO)		
	Singular	Plural
Ocorrências	34	1

O mesmo não ocorreu com as perífrases de gerúndio que imprimem uma continuidade no passado. Isso também reitera o que foi defendido anteriormente, mostrando que quando o verbo expressa uma noção de rompimento (uma ação que iria ocorrer, mas por algum motivo não se concluiu), se afasta do padrão, e por isso, apresenta um número reduzido de ocorrências.

Pretérito Imperfeito do subjuntivo		
3ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	4	3

O pretérito imperfeito do subjuntivo (“desse certo”) é o tempo verbal menos frequente de todos os listados anteriormente, uma vez que essa construção gera a percepção de uma hipótese, se afastando ainda mais da noção de consequência. Neste paradigma, o número de ocorrências no plural não difere muito do singular, além de a expressão não comportar a flexão em outras desinências modo-temporais.

Futuro do Subjuntivo		
3ª pessoa	Singular	Plural
Ocorrências	387	13

Quanto ao futuro do subjuntivo (“der certo”), observou-se um número elevado de construções que produzem o efeito de hipótese, assim como o pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso provoca um certo estranhamento, uma vez se que as duas expressões expressam o mesmo valor, porque uma seria imensuravelmente mais produtiva que a outra?

4.4 Panorama da análise da construção DAR CERTO

Após a observação dos dados apresentados, é possível afirmar que muitas das diferentes flexões verbais da construção *DAR CERTO* são produtivas, consolidando-se um certo padrão sobre elas: as maiores incidências se confirmam nos verbos flexionados no presente do indicativo, no pretérito perfeito e no presente do subjuntivo. Destaca-se também o gerúndio, que, embora apresente uma frequência menor, ainda pode ser considerado bastante produtivo e versátil, se considerarmos suas formas perifrásticas, que podem ser flexionadas em outros tempos verbais do pretérito, exprimindo uma noção de continuidade também no passado.

Ademais, sobre os tempos verbais observados: o infinitivo é utilizado exclusivamente em construções perifrásticas. Relewa-se que foram encontradas 1058 ocorrências entre sentenças afirmativas, interrogativas, negativas e exclamativas. Entre estes exemplos, o verbo DAR aparece posposto aos verbos conjugados: ir; poder; costumar; precisar; ter; ver; começar; querer; parecer. Dentre todos estes verbos, apenas “poder”, “começar” e “parecer” constituíram sentenças negativas. Apesar disso, apenas a perífrase VAI DAR CERTO foi analisada, pois considera-se que o número de ocorrências neste tempo verbal é mais produtivo, pois se aproxima mais do protótipo de uma construção *resultativa*.

Ainda sobre os tempos verbais, o pretérito mais-que-perfeito aparece em raríssimos modelos. Em relação às formas do subjuntivo: o presente é bastante utilizado, mas o pretérito imperfeito se mostrou pouquíssimo frequente.

No que concerne ao sujeito das sentenças produzidas, embora a metáfora DAR CERTO admita orações em primeira pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo, as terceiras pessoas do singular e do plural são imensuravelmente mais utilizadas (apenas o pretérito perfeito do indicativo apresentou um exemplo de uso em primeira pessoa). A respeito do número, constatou-se que o singular superou o plural em todos os casos, muitas vezes com mais que o dobro de ocorrências.

Esse resultado corrobora, por meio dos dados, as teorias abordadas anteriormente. Isso se justifica na medida em que o pretérito perfeito do indicativo (tempo em que se apresentou o maior número de ocorrências) é considerado mais prototípico, pois imprime a noção de ação acabada, sendo semanticamente mais conclusivo, o que confirma a noção de “consequência de um fato anterior”, que se infere a partir do aspecto *resultativo*.

4.5 Análise da construção *DAR X CERTO*

Em relação aos dados analisados de *DAR X CERTO*, foram encontrados os seguintes intensificadores nos dados analisados:

Muito	Regularmente
Mais	Inteiramente
Tão	Super
Tudo	Tanto
Mesmo	Bastante
Perfeitamente	Parcialmente
Totalmente	Menos
Igualmente	Sempre
Nada	Plenamente
Quase	Meio
Realmente	Bem
Minimamente	Razoavelmente
Extremamente	Absolutamente

- **Presente do Indicativo**

Nº de ocorrências no Presente do Indicativo	
Exemplo	Ocorrências
Muito	29
Mais	20
Tão	6
Tudo	14
Mesmo	1
Sempre	1

Constata-se que a construção *DAR X CERTO* é bastante produtiva no presente do indicativo, que comporta 73 ocorrências no singular. Esse quadro se reduz muito no plural, que totalizou 12 exemplos, distribuídos em: “dão muito certo” (5 exemplos); “dão mais certo” (3 exemplos) e “dão tão certo” (4 exemplos). Não foram encontrados exemplos com os demais intensificadores.

(1) “Mas este é um projeto que **dá muito certo**”(p.8);

(2) “Não, **dá mais certo** namorar bailarina”(p.29);

- (3) “**Dá tão certo** que arranjei o bico em duas empresas ao mesmo tempo...”(p.9);
 (4) “(...) tudo ao mesmo tempo, e **dá tudo certo**.” (p.20);
 (5) “Gente assim não **dá mesmo certo**.” (p.30);
 (6) “No enredo da novela tudo **dá sempre certo**” (p.43).

Os exemplos expostos apenas demonstram alguns dos inúmeros contextos nos quais se pode utilizar a expressão com o verbo flexionado no presente do indicativo.

- Futuro do presente

Nº de ocorrências no Futuro do Presente (Perífrase Verbal)	
Exemplo	Ocorrências
Muito	3
Tudo	42
Quase	3
Realmente	1
Super	1

No futuro do presente, predominam as perífrases verbais (“vai dar x certo”), dentre as quais, se realçam as construções com “tudo”, que compõe mais da metade dos exemplos (“Vai dar tudo certo”). Não foi encontrado um número de dados significativo na forma não-perifrástica do futuro simples (“dará x certo”). Destacou-se apenas um exemplo afirmativo: “Dará mais certo” (p.86). Uma hipótese possível se justificaria por meio do fato de a perífrase de futuro ser muito mais utilizada no português brasileiro atual.

- Gerúndio

Gerúndio		
Exemplo	Ocorrências	Ocorrências de Perífrases
Tudo	14	8
Tão	11	7
Muito	2	16
Mais	-	2
Nada	-	1
Absolutamente	-	1

Quanto aos modelos no gerúndio, constata-se a maior ocorrência de dados nas formas perifrásticas: “está dando x certo”. Esses mesmos números não se repetem no plural. Nas formas simples, destaca-se maior produtividade em: “dando tudo certo” e “dando tão certo”, totalizando 24 exemplos.

Os modelos 7, 8 e 9, elucidam os mais variados contextos nos quais podemos encontrar a expressão com o verbo flexionado no gerúndio na modalidade escrita.

- (7) “**Está dando tudo certo** com a organização” (p.9);
 (8) “E **está dando muito certo**, conta Márcia Ribeiro, que recebe um fax...” (p.25);
 (9) “O trabalho **está dando tão certo** que o grupo está negociando uma parceria com a Unicef...” (p.18).

- Pretérito Perfeito

Pretérito Perfeito	
Exemplo	Ocorrências
Tão	112
Muito	126
Tudo	125
Mais	16

O quadro acima descreve apenas os números de ocorrência dos intensificadores mais produtivos. Ou seja, os que apresentaram maior incidência nos dados analisados. Apesar disso, ressalta-se que a construção DAR X CERTO no pretérito perfeito, comporta a maioria dos intensificadores listados, porém com uma incidência muito baixa (de 1 a 5 dados). Entre eles, podemos destacar: totalmente, relativamente, extremamente, super, tanto, menos, inteiramente, plenamente, bem, razoavelmente, bastante e realmente. Além disso, também apresentaram-se dados no plural com os intensificadores: muito, mais, tão e totalmente, dos quais extraímos 11, 5, 5 e 1 exemplos, respectivamente.

- Presente do subjuntivo

Presente do subjuntivo	
Exemplo	Ocorrências
Tudo	22
Mais	1
Realmente	1
Sempre	-

Sobre as ocorrências analisadas no presente do subjuntivo, foram encontrados 24 exemplos no singular.

Constatou-se o modelo: “dê tudo certo” como o mais produtivo, enquanto “dê mais certo” e “dê realmente certo” não representaram quantidades significativas. Também não foram constatados dados representativos no plural, de forma que se apresentam apenas dois exemplos: “deem tudo certo” e “não dê sempre certo”. Outra característica observada é que as

construções flexionadas neste tempo verbal, na maioria das ocorrências, aparecem acompanhadas dos elementos “que” ou “para que”, ilustrados nos exemplos 10, 11 e 12:

(10) “Espero que **dê tudo certo**” (p.15);

(11) “Quem sabe **dê mais certo.**” (p.23);

(12) “Ser sociável em qualquer situação e contar com um bom anjo da guarda **para que tudo dê realmente certo**” (p. 27).

- Pretérito Imperfeito do Indicativo

Pretérito Imperfeito do Indicativo	
Exemplo	Ocorrências
Mais	5
Nada	4
Muito	2
Tudo	1

- Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	
Exemplo	Ocorrências
Mais	2
Tudo	6
Tão	2

- Futuro do Pretérito

Futuro do Pretérito	
Exemplo	Ocorrências
Tão	1
Tudo	1
Muito	6
Sempre	-

Em relação ao pretérito imperfeito do indicativo (“Mas não dava muito certo”, p.52), ao pretérito imperfeito do subjuntivo (“Talvez desse mais certo” p.39) e o futuro do pretérito (“...ficamos sabendo que não precisávamos nos preocupar, que daria tudo certo...”, p.16)., não foi observado um número expressivo de ocorrências, tanto no singular quanto no plural.

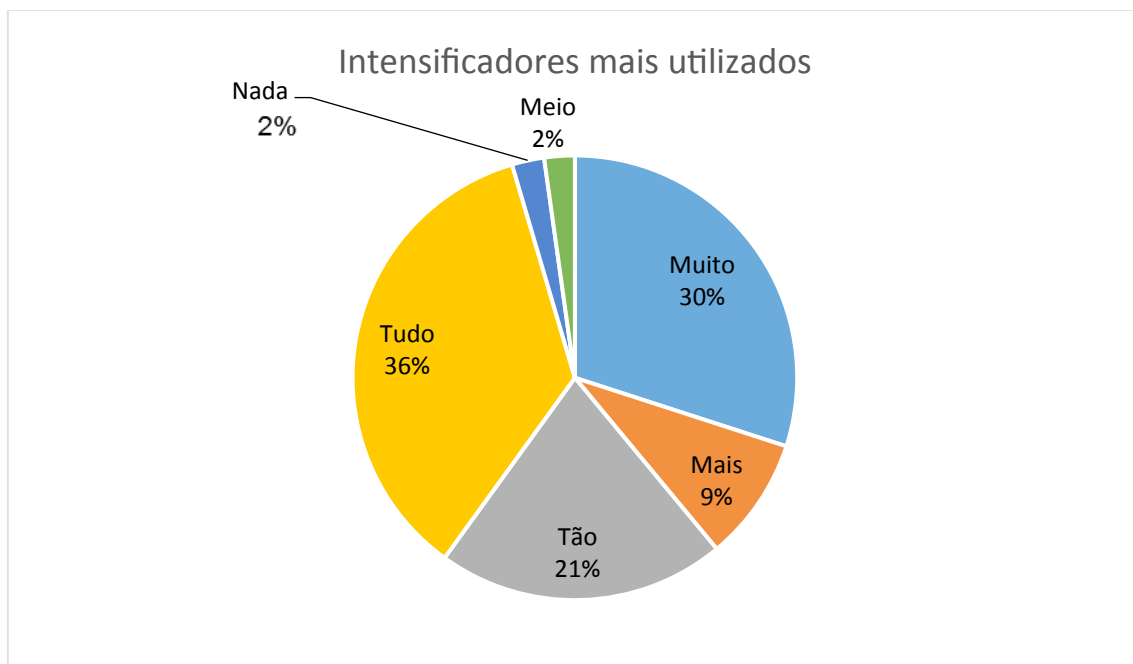
- Infinitivo

Infinitivo		
Exemplo	Afirmativo	Posposto às construções com
Muito	19	Vai ;pode; costuma; parece; ia; começa.

Perfeitamente	1	Pode
Totalmente	1	Pode
Mais	10	Poderia; vai
Igualmente	1	Pode
Tão	5	Ia; fosse; pode
Quase	2	Vai
Realmente	1	Vai
Parcialmente	1	Pode
Super	1	Vai

Verifica-se que o verbo no infinitivo é altamente versátil, uma vez que integra grande parte das perífrases que fazem parte do *corpus* desta pesquisa (o gerúndio também desempenha esse papel). Em função disso, a construção apareceu, em todas as ocorrências, acompanhada dos verbos auxiliares descritos no quadro acima.

Apesar disso, apenas as construções formuladas a partir da perífrase constituída de verbo IR conjugado + DAR no infinitivo (“vai dar x certo”) foram exemplificadas, uma vez que agregam um maior número de exemplos.



5. CONCLUSÃO

A respeito das construções configuradas como DAR CERTO e como DAR X CERTO, constatam-se características compartilhadas, devido a sua origem comum, mas também

características divergentes. Das características compartilhadas, podemos citar alto índice de produtividade no pretérito perfeito e no presente do indicativo, com a predominância do pretérito. Além disso, o singular se mostra frequente em relação ao plural e quase todos os exemplos marquem o uso em terceira pessoa. Também se marca a maior recorrência das orações negativas em relação às afirmativas. O infinitivo, em ambos os casos, acompanha verbos auxiliares, formulando perífrases, que no caso de DAR CERTO, os verbos auxiliares mais marcados são: ir, poder, costumar, precisar, ter, ver, começar, querer, parecer.

A maior produtividade do pretérito perfeito se justifica a partir da análise semântica da construção “deu certo“, que reproduz a perspectiva de consequência de uma ação já concluída que é representada pelo aspecto *resultativo*. Dessa maneira, o pretérito perfeito se configura como o tempo mais prototípico, enquanto os outros vão se distanciando desse padrão, mas ainda carregam características que se incorporam nele.

Apesar semelhanças comentadas, também se evidenciam diferenças como o fato de a construção DAR CERTO totalizar um número muito maior de ocorrências que DAR X CERTO. Além disso, o plural é muito mais marcado que em DAR X CERTO, que apresenta um número ínfimo de exemplos. Também podemos afirmar que, embora seja grande a lista de intensificadores, muitos deles são muito pouco produtivos, totalizando, na maioria dos casos, uma ocorrência em tempos verbais específicos. Dessa forma, podemos indicar como os mais relevantes: tudo, tão, muito e mais.

Sendo assim, podemos afirmar que as construções que derivam do verbo DAR são expressões idiomáticas que se consolidam a partir dos processos de metáfora e polissemia e se cristalizam na língua em função da sua regularização por meio do uso dos falantes. Além disso, essa construção acarreta mudanças semânticas e sintáticas na estrutura do verbo, mas apesar disso, é válido ressaltar que essa nova configuração também se *gramaticaliza*, constituindo, dessa maneira, um novo padrão. Esse padrão é tão utilizado pelos falantes que já se automatizou na língua. Isso significa que todo o mapeamento que o cérebro realiza para chegar ao significado de uma nova expressão, já não se produz mais. Por isso, a construção se mantém *analisável*, embora tenha perdido a sua *composicionalidade*. Isso significa que qualquer falante de português brasileiro consegue identificar a expressão sem esforço em um determinado contexto, ainda que muitas das características sintáticas e semânticas tradicionais dos seus componentes tenham se perdido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Mariana Gonçalves. **Gramaticalização de adjetivos a partir de advérbios**: um estudo sobre os adjetivos adverbializados. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2006.

BYBEE, Joan. 2010. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press. 252 págs.

CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angelica Furtado da. **Linguística centrada no uso**: Uma homenagem a Mário Martelotta. Rio De Janeiro: MAUAD, 2013.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joeph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. 1. ed. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1999. p. 31-128.

LOBATO, L. **Afinal, existe a construção resultativa em português?** In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. de. (Orgs.). *Sentido e significação*: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, R. P.; BASSO, R. M.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. 8º período – Florianópolis: UFSC/CCE/DLLE, 2013.

PALOMANES RIBEIRO, Roza M. **Construções gramaticais**: uma análise das resultativas do português com o verbo ficar. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2007.

SALOMÃO, M. M. M. **Gramática das construções**: A questão da integração entre sintaxe e léxico. Juiz De Fora: Veredas, v. 6, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap042.pdf>>. Acesso em: 30/01/2016

XATARA, Claudia M. **O campo minado das expressões idiomáticas**. São Paulo: Alfa, v. 42, 1998. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4048>>. Acesso em: 02/02/2016